



HEMEROTECA
MUNICIPAL
DE LISBOA

SUPPLEMENTO BURLESCO AO NUMERO (...) DO PATRIOTA* – folha político-satírica, ilustrada, d'*O Patriota* (1843-1853)¹, diário **fundado por Manuel de Jesus Coelho**¹, que foi proprietário e editor de ambas as publicações. O *Burlesco* apareceu no quarto ano de vida d'*O Patriota*, concretamente a **12 de Agosto de 1847**, acompanhando o n.º 254, e acompanhou-o até ao seu término a **9 de Abril de 1853**.²

O *Burlesco* saía **duas vezes por semana**: segundas e quintas-feiras. Nunca deu a conhecer quem lhe enchia as páginas: ninguém dava o nome pelos textos publicados e os autores das caricaturas e outras graças gráficas mantiveram-se no anonimato, escudados por nomes próprios indecifráveis: «Cecilia», «Maria», «Rita» e «Afonço». Mas no *Dicionário de Innocencio* há notícia de o *Burlesco* teve como redator, único, **Bernardino Martins da Silva**ⁱⁱ, que exercia as mesmas funções n'*O Patriota*.

Graficamente, foi uma **publicação pioneira**, quer **na incorporação de imagens satíricas litografadas**³ (João Dias de Deus), quer **no apuramento do processo de narrativa gráfica**, nomeadamente por via da introdução de “balões” para suportar diálogos e pensamentos dos personagens – que se tornariam o elemento diferenciador da banda desenhada.

Também pode dar-se por certo que é uma **coleção valiosa e rara**, pois era essa a opinião de **Rafael Bordallo Pinheiro**, como consta no artigo que redigiu para o «Dicionário de Invenções e descobertas, antigas e modernas»⁴, de Alberto Pimentel (1849-1925), que foi reproduzido no *Diário Ilustrado*, em 1880: «(...) a caricatura era há 30 anos agressiva e insolente. Representava sempre os homens da politica com corpos de animaes, as caras eram retratos, e a alusão era brutal, sempre chamando-

* Disponível na Hemeroteca Digital, em:

<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/SuplementoBurlescoaoPatriota/SuplementoBurlescoaoPatriota.htm>.

¹ O jornal existe na Hemeroteca (cota: J. 90 FH) mas apresenta algumas falhas. Refira-se ainda que *O Patriota* deu continuidade a um outro título, *O Nacional* (1834-1842), também disponível (cota: Res. 28), «de que foram fundadores o marechal Saldanha, os dois Passos (Manuel e José), Rio Tinto Vieira de Castro, Jervis de Atougua e outros», e cuja «direcção da typographia» fora entregue a Manuel de Jesus Coelho. Este, em 1842, estabeleceu-se com oficina tipográfica própria, na rua do Poço dos Negros, N.º 54, e fundou *O Patriota*, onde colaboraram Alexandre Herculano, Antonio Serpa, Vicente Ferrer, entre outros (INNOCENCIO: 1858).

² A Coleção da Hemeroteca encontra-se incompleta, pois termina com o suplemento ao n.º 2630, ou seja falta-lhe o ultimo suplemento, que seria referenciado ao n.º 2633, de 9 de Abril de 1853.

³ As lithografias eram asseguradas pela Lithographia Franceza, na Calçada do Combro, 45.

⁴ No catálogo da Biblioteca Nacional há referência a um «Dicionário de Invenções: Origens e Descobertas Antigas e Modernas», compilado e acrescentado por Alberto Pimentel, datado de 1874 – trata-se muito provavelmente da mesma obra.

lhes ladrões, etc. (...) Foi o mais notável n'este tempo o *Supplemento burlesco*, hoje raro, mas que encontra na Bibliotheca. Era escripto por Bernardino Martins com muitíssima graça. Os desenhos eram mãos, grosseiros, perfeitamente ingénuos (não na intenção); foi este o género por muito tempo seguido.»⁵

O projeto *Burlesco* inscreve-se na história da **luta travada entre os liberais pela definição da arquitetura constitucional da monarquia portuguesa**. No essencial, estiveram em confronto duas concepções ou modelos: a Constituição, que foi a forma da primeira lei fundamental que a monarquia conheceu, filha da revolução vintista e produto da soberania popular, expressa por uma assembleia constituinte (1820-21); e a Carta Constitucional ou constituição outorgada, de natureza mais conservadora, que foi promulgada em 1826, por D. Pedro IV. Foi em função destes dois modelos que se definiram as forças ou “blocos” que geriram a conflitualidade política que marcou as décadas de 30 e 40: a esquerda liberal ou setembristas, após a revolução de 1838 e a tentativa de restaurar a Constituição; e a direita liberal ou os cartistas.

O *Burlesco* **apareceu poucos dias depois da Convenção de Gramido** (29 de Junho de 1847), que pôs termo à guerra civil da Patuleia. Depois de muitos meses de luta contra o governo dominado pela ortodoxia cartista, liderada por António Bernardo da Costa Cabral (1803-1889), os setembristas da Junta do Porto deram-se por vencidos. Mas aquela paz imposta, com recurso à intervenção de forças militares estrangeiras (ingleses e espanhóis), estava à partida condenada ao fracasso. De facto, a manutenção do marechal Saldanha na presidência do ministério não inspirava nenhuma confiança aos setembristas, nem tão pouco aos cartistas moderados. Saldanha fora até ali um fiel correligionário de Costa Cabral: em 1842, apoiara-o a restaurar a Carta; em 1846, dirigira o golpe palaciano da «Emboscada», que afastou o governo do duque de Palmela e desencadeou a guerra da Patuleia. Como o tempo veio a confirmar, Saldanha não era o militar certo para garantir a convocação de eleições livres e fazer cumprir os termos da Convenção de Gramido. Inquietos com a possibilidade do regresso de Costa Cabral ao poder, os setembristas lançaram uma forte campanha na imprensa contra o partido cabralista e os seus dirigentes.

O *Burlesco* foi um dos muitos periódicos então fundados e foi testemunha do processo evolutivo que conduziu ao **golpe regenerador de 1851**, viabilizado por cartistas e setembristas moderados, e à primeira reforma da Carta Constitucional, através do **Acto Adicional** de 1852.

⁵ Conf. «Os dois Boddallos. Manuel Maria Boddallo Pinheiro e Raphael Boddallo Pinheiro», in *Diário Illustrado*, 9.º ano, n.º 2:431, de 23/02/1880, pp. 2-3, cont. no n.º 2:432, de 24/02/1880, p. 1.

APRESENTAÇÃO DO PROJECTO E SUA EVOLUÇÃO

O Patriota anunciou de véspera aos assinantes o seu novo projeto. Discretamente, fez constar na secção «Publicações Literárias» a novidade: «*O Patriota* publicará todas as Segundas e Quintas feiras um Suplemento burlesco, ornado de um desenho.

Os assignantes deste jornal, querendo recebello, pagarão mensalmente, alem da sua assignatura 240 reis [mês] – trimestre 720 reis. [...]

O 1.º Suplemento é distribuído grátis pelos assignantes deste jornal.

Vende-se nas lojas do *Patriota*, assigna-se nesta Typographia e na loja de Marques, rua Augusta n.º 2 e 3. [...].⁶ A venda avulsa foi fixada em 30 reis.

No editorial de apresentação, depois de passarem em revisão as suas vivências, desde que nasceram «neste valle de lagrimas, neste mundo corrupto», até ao tempo das «constituições, os achaques e as revoluções», assumiram: «Somos patuléas, por embirração, por pirraça e por melancolia»; ao que acrescentaram: «O nosso credo politico, os nossos princípios, a nossa religião, a nossa bandeira, os nossos amôres a nossa Dulcinêa del Trancoso, são a Maria da Fonte». Concluída a sua «profissão de fé politica», modelada pelo diapasão setembrista, não viram necessidade de perder tempo a explanar o seu programa. Era facilmente dedutível a partir do tom sarcástico dos textos e da caricatura. A primeira foi dedicada a Ildefonso Leopoldo Bragard (1785-1856), ministro dos negócios estrangeiros e interino da Guerra, do governo que negociou o célebre «protocolo» que definiu os termos da intervenção das forças estrangeiras na guerra da Patuleia. O ministro foi representado como uma figura relevante para a concretização desse convénio. Está ladeado pelas bandeiras da Inglaterra e da Espanha e carregado com grossos folios de papel, identificados com a «carta constitucional», os «negócios estrangeiros», a «mediação», o «protocolo», etc..

A imagem constituía uma afronta clara ao governo, pelo que não surpreende que no dia seguinte, a redação d' *O Patriota* tenha feito constar, na primeira página, que era «absolutamente estranha e alheia aos suplementos que hontem se começaram a publicar com este jornal; são outras pessoas que escrevem para o suplemento.»⁷

Aquela tomada de posição seria reflexo de uma clivagem real ou pretendia apenas salvar a liberdade e a segurança dos redatores d'*O Patriota*? O certo é que o *Burlesco* prosseguiu a sua ação demolidora. A caricatura presente no número seguinte foi ainda mais arrojada e violenta, além de projectar uma situação no futuro, isto é, de configurar um alerta: tem como mote as «eleições livres», prometidas nos termos de Gramido, e mostra uma figura diabólica a incitar pelotão a disparar contra um grupo de cidadãos, empunhando panfletos com a palavra «Lista». (boletins de voto). Ainda assim, durante algum tempo (fim de Setembro), *O Patriota* continuou anunciar a saída de cada novo suplemento, na última página e com algum destaque. Mas depois sobreveio o silêncio, o alheamento.

⁶ Conf. *O Patriota*, n.º 953, de quarta feira, 11/08/1847, p. 4.

⁷ Conf. *O Patriota*, n.º 955, de sexta feira, 13/08/1847, p. 1.

Materialmente e na qualidade de caderno anexo ou complementar, o *suplemento Burlesco* começou por apresentar 4 páginas, com um formato inferior ao da edição principal; no segundo número, anunciou um ligeiro aumento de formato, que foi justificado com a aquisição de novo equipamento para a produção de papel; e a partir do terceiro número, assumiu uma numeração própria, ainda que continuasse a fazer referência à numeração d'*O Patriota*. Assim se manteve até ao n.º 44, de 10 de Janeiro de 1848. Depois de uma brevíssima interrupção (falhou uma edição na sequência que vinha cumprindo), o *Burlesco* reapareceu com um novo perfil: adotara o mesmo formato d'*O Patriota*, reduzira o número de páginas para 2, e abandonara a numeração própria. Não foram avançadas quaisquer explicações claras sobre as razões da interrupção ou o motivo das mudanças. Mas a questão foi abordada de forma ficcionada, denunciando a coacção exercida por um «cozinheiro da Lapa»: «O cozinheiro viu o seu retrato na galeria contemporânea: (...), gostou: encheu-se d'orgulho; se encontrava algum dos collegas ainda não caricaturado, olhava-o com desprezo como um verme immundo; porém chegou a semana seguinte foi ver o Supplemento – não vinha lá – ficou a arder – no seguinte também não; (...) Isto é demais ! gritou o homem – proibam já esse maroto; entaipem-o, suspendam-o, cacetem-o, enforcem-o.

A estas vozes de ira juntou-se a cosinha toda, para estudar o modo de dar cabo da nossa respeitável produção. (...)»⁸

A repressão policial também inspirou a caricatura publicada, que representa um homem em sobressalto, surpreendido na cama, por um diabrete sentado num projétil, que leva na mão uma bandeirola com a inscrição «Suplemento ao Patriota» e se desloca entre tiras ondulantes, que ostentam a palavra «Supplementos».

Sobre este episódio, evoca-se ainda o testemunho presente no *Diccionario Bibliográfico* de Innocência, que atesta que: «Por um mandato da autoridade administrativa, passado a 10 de Janeiro, foi intimado o editor e proprietário da imprensa, Manuel de Jesus Coelho, para não continuar tal publicação, até se habilitar devidamente nos termos da carta de lei de 19 de Outubro de 1840, pois que (dizia o mandato) «não podia de modo nenhum considerar-se extensiva a qualificação de editor responsável do Patriota a de editor do suposto Supplemento, que constituía visível e incontestavelmente um jornal distincto, publicado em typo e formato diferente, e com numeração própria».⁹

Como toda a imprensa hostil ao governo, O *Burlesco* foi alvo da perseguição das autoridades, sobretudo após o regresso de Costa Cabral (Julho 1849), e da publicação da famosa “Lei da Rolha” (1850). Mas o *Burlesco* não se deixou intimidar, pelo contrário, intensificou e apurou a sua fórmula humorística.

⁸ Conf. «Lisboa, 17 de Janeiro», in *Suplemento ao N.º 1085 do Patriota*, p. 1.

⁹ Conf. «Diccionario Bibliographico Portuguez. Estudos de Innocencio Francisco da Silva applicáveis a Portugal e ao Brasil», Tomo 7, p. 293.

Para concluir este esquisso do *Burlesco*, dá-se a palavra ao próprio, reproduzindo o texto com que se definiu no «Dicionário da Língua Portuguesa», que começou a publicar em 1851: «subst. meia folha de papel, com uma bella estampa apresentando factos historicos, scenas romanticas e contemporâneas, e retratos de todos os justos vivos, por quem Portugal hade chorar quando fizerem le trépas. Tem principal logar n'essa folha os manos de *tomar* [António Bernardo da Costa Cabral e seu irmão José Bernardo da Silva Cabral] que pela sua muita destreza, honestidade, mérito e virtudes, pediram aos Redactores para os tornarem célebres, representando suas effigies no mesmo. Além disso traz artigos de literatura, poezia, romance, parte official, noticias do paiz e estrangeiras, modas, charadas, annuncios etc. etc. Vende-se por 30 reis; é o único jornal que se recebe na China; tem hoje 83.345 assignaturas, e rende por anno 33:400\$00 rs. livres de despezas, mas com tudo isso os Redactores não puderam ainda juntar dinheiro para um caleche.»¹⁰

Rita Correia, 03/11/2015

BIBLIOGRAFIA

Grande enciclopédia portuguesa brasileira. Lisboa-Rio de Janeiro : Editorial Enciclopédia, Lda., [s.d.].

Diccionario Bibliographico Portuguez. Estudos applicaveis a Portugal e ao Brasil, dir. por Innocencio Francisco da Silva. Lisboa : Imprensa Nacional, 1858.

História de Portugal. Dos tempos pré-históricos aos nossos dias, dir. João Medina, Vol VIII (Portugal Liberal). Lisboa : Ediclube, 1998.

DEUS, António Dias - «Os Comics em Portugal. Uma história da banda desenhada». Lisboa : Cotovia e Bedeteca de Lisboa, 1997.

SARDICA, José Miguel - «A Carta Constitucional Portuguesa de 1826», *in* História Constitucional, n.º 13 (2012), pp. 527-561, acessível na internet em:

<http://www.historiaconstitucional.com/index.php/historiaconstitucional/article/view/342>
[Consultada a 22/08/2015].

¹⁰ Conf. Suplemento *Burlesco*, ao n.º 2139, 1851, p. 2.

ⁱ Manuel de Jesus Coelho (1808-1885) – nascido em Lisboa, aprendeu a arte tipografia na Imprensa Nacional, onde começou a sua vida profissional. Foi chefe da secção tipográfica da *Chronica constitucional*, que nos anos 1833-34 substituiu a *Gazeta de Lisboa*. Por esta altura, já abraçara a causa liberal e fizera amizade com os principais líderes. Em 1834, quando surgiu o projeto d'*O Nacional*, foi-lhe confiada a direção da oficina onde seria e foi impresso. Em 1842, Manuel de Jesus Coelho tornou-se empresário por conta própria. Criou a sua oficina e deu a cara por alguns jornais políticos, conotados com os setembristas, nomeadamente: *O Patriota* (1842-53) e o seu *Suplemento Burlesco*; *O Portuguez* (1853-66); *A Independencia Nacional* (1867).

A partir de 1857 até à aposentação, trabalhou na administração pública, concretamente na Alfândega de Lisboa e também na do Porto. Também deixou o seu nome associado a organizações de classe ou de cariz popular e filantrópico: fundou e dirigiu o asilo de Santa Catarina; fundou e foi presidente honorário do Grémio Popular; e foi sócio da Associação Industrial Portuense, da Associação Typographica Lisbonense e Artes Correlativas, da Civilização Popular, entre outras

ⁱⁱ Bernardino Martins da Silva (1803-1875) – natural de Lisboa, foi um liberal entusiasta, conotado com a esquerda, que se destacou na imprensa setembrista. Os primeiros artigos que se lhe conhecem datam de 1835 e foram publicados no *Diário do Povo* (1835-36) e no *Nacional*. Durante a guerra civil da Patuleia (1846-47), foi colaborador do jornal panfletário e clandestino dirigido por Rodrigo Sampaio, *O Espectro*. Depois, associou-se ao projeto do *Burlesco* e, tanto quanto se sabe, foi o seu principal, senão único, autor. Era conhecido como o “Martins do Burlesco”.

Após a Regeneração, a sua presença na imprensa política de combate esbateu-se. Os últimos trabalhos que se lhe conhecem já foram publicados na imprensa generalista, concretamente no *Diário de Notícias*, onde redigiu uns folhetins, que assinava com a sigla «B.M. da S.»; e no *Diário Ilustrado*, sob o pseudónimo «Valparaiso».